

- 18 — LAUTERWASSER, Siegfried e POENSGEN, Georg, Madonnen.  
 19 — ETZEL, Eduardo — Arte sacra popular Brasileira, São Paulo.  
 20 — BAUDINELLI e GIULIANO — Les Etrusques et l'Italie avant Rome, Paris.  
 21 — CHARBONNEAUX, Martin e Villard — Grecia arcaica, Madrid.  
 22 — BAYLEY, H. — The lost language of symbols, New York.  
 23 — ELIADE, Mircea — Mito e Realidade, São Paulo.  
 24 — ELIADE, Mircea — Tratado de História das Religiões, Lisboa.

## Comportamento religioso em situação de crise

*Celina Ribeiro Hutzler\**

### 1. INTRODUÇÃO

Na sexta feira 17 de julho de 1975, uma cheia de grandes proporções atingiu o Recife, alagando cerca de 80% da cidade. Na seguinte segunda feira, 21, um boato que a barragem de Tapacurá teria estourado levou a população a correr em desespero pelas ruas.

O propósito desta comunicação é estudar o comportamento religioso dos recifenses nesses dois momentos de crise.

A religião vem sendo compreendida pelos cientistas sociais, desde Durkheim<sup>1</sup>, como um sistema socialmente criado de crenças e práticas relativas às coisas sagradas. O sistema de crenças explica não só o sobrenatural, mas inclui, como notou Wallace<sup>2</sup>, crenças substantivas sobre diferentes aspectos e planos da existência. Firth<sup>3</sup> definiu o ritual como um padrão de atividade religiosa orientado, fundamentalmente, para o controle de assuntos humanos. Goode<sup>4</sup> complementou esta visão dizendo que embora o complexo religioso possa ser usado para atingir um fim qualquer, as práticas religiosas podem ser um fim em si mesmas. Ribeiro<sup>5</sup> encontrou que os fiéis buscam nas igrejas cristãs do Recife principalmente a paz, amor e segurança, enquanto que as religiões de participação — umbanda e candomblé — são procuradas para satisfazer anseios de solidariedade grupal, benefícios e esperanças (nas curas) e depois paz, amor e emoção (nos ritos

\* Comunicação apresentada na X REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, Salvador, Bahia, 22 a 25 de fevereiro de 1976.

de possessão). A maioria das religiões, sublinhou Herskovits<sup>6</sup>, faz coisas para os homens e a função dos rituais é controlar ou tornar benévolas as forças do universo para que se possam atingir objetivos, as mais das vezes, humanos e terrenos.

Tanto Herskovits<sup>7</sup> como Wallace, consideram a oração — uso de palavras para trazer a intervenção favorável dos poderes do universo nos assuntos humanos — uma das principais categorias do comportamento que se pode definir como religioso. Este tipo de comportamento — rezar — é tanto a forma cristã mais comum de dirigir-se ao sobrenatural como também uma forma de comportamento religioso fácil de ser detectada. Assim, procurou-se, neste trabalho saber quais os principais atributos diferenciais entre as pessoas que rezaram ou não rezaram nas duas situações de crise.

Por outro lado, a religião, lembra Spiro<sup>8</sup>, satisfaz também aos desejos cognitivos dos homens com explicações e significados para fenômenos de outra forma incompreensíveis e sem sentido. Teriam as pessoas explicado a cheia como uma demonstração da força de Deus, como um «castigo» ou simplesmente como resultado de fatores naturais? Este foi um outro aspecto da atitude religiosa que se tentou detectar.

Finalmente, o aparecimento de novas religiões, de movimentos de revivamento religioso ou mudança religiosa vêm sendo associado a situações de crise. Os estudiosos de movimentos messiânicos<sup>9</sup> estão acordes em que sentimento de grande frustração e desespero, tanto resultante de privações materiais como principalmente de crises estruturais e organizatórias, podem levar à eclosão desses movimentos. Teria o impacto da cheia de 1975, crise conjuntural e não estrutural, sido bastante para, pelo menos, por em dúvida algumas das convicções religiosas de suas vítimas ou teria, pelo contrário, as fortalecido? Esta foi outra questão que se procurou pesquisar.

## 2. AS CRISES ESTUDADAS

A cheia que atingiu o Recife, em julho de 1975, não foi um fenômeno estranho aos seus habitantes, embora tenha chegado a dimensões e feito devastações nunca antes conhecidas.

Deste 1842<sup>10</sup> que se têm registros históricos das enchentes do Capibaribe e do Beberibe. Mas, cheias antes ribeirinhas e quase mansas que atingiam de 10 a 20% da cidade, tornaram-se, nos últimos dez anos, catastróficas estimando-se que a última tenha alagado 80% da capital de Pernambuco.

Dentre as casas visitadas durante a pesquisa, 61% tinham sido atingidas por uma ou mais das cheias anteriores. Acreditou que a cheia vinha em proporções grandes cerca da metade dos entrevistados apesar de todos terem tido notícia que uma enchente anormalmente grande estava aproximando-se do Recife. Contribuiu para esta descrença a propaganda do Governo em torno da construção da barragem de Tapacurá que «resolveria definitivamente» o problema das cheias no Recife.

As águas começaram a crescer na tarde de sexta feira 17, derramando-se a partir das 18 horas, atingindo o ponto máximo às 8 da manhã do dia seguinte. Muitas casas, ainda no domingo, tinham água, todas as atingidas muita lama fétida (o precioso húmus de perda tão lamentada pelo conservacionista Vasconcelos Sobrinho), cobras, sujeira e em mais da metade tinham sido perdidos objetos de valor. Dentre os entrevistados, menos de um quarto não teve parentes também atingidos pela enchente. Calcula-se em 100 o número de mortos. As indústrias, comércio e serviços foram seriamente atingidos. A cheia interrompeu as comunicações telefônicas com os bairros atingidos que ficaram isolados e às escuras. Dos entrevistados mais de três quartos não pode permanecer em suas casas, dos que ficaram muitos foram ilhados nos primeiros andares ou nos telhados. A situação foi considerada a pior que todo o Estado de Pernambuco já atravessou.

Evidentemente, o assunto de todas as conversas no Recife era a cheia. Quase sempre falava-se da decepção com o fracasso ou o engodo da proteção da barragem de Tapacurá. Shibutani<sup>11</sup>, estudando sociologicamente os boatos, notou que um tipo de situação na qual os recursos invariavelmente florescem é um desastre. A excitação popular, o cansaço e o desespero facilitaram a divulgação de uma notícia bem espalhada, acerca de 10 horas da manhã de segunda feira 21, sobre o suposto rompimento da barragem de Tapacurá.

A grande maioria dos entrevistados soube do boato enquanto da sua duração. Destes, mais da metade (62%) acreditou que fosse verdade. Dos que acreditaram, quase a totalidade (93%) achou pior pensar que a barragem havia estourado do que ter tido a notícia que vinha a cheia.

Quase imediatamente, o Governo apressou-se em desmentir, principalmente através das estações de rádio, o boato, e na palavra do próprio governador, de autoridades e técnicos garantiu que a situação em Tapacurá era normal. Os entrevistados levaram em média 30 minutos entre ouvirem o boato e seu desmentido e quase de uma hora para convencerem-se que nenhuma nova catástrofe estava por acontecer. Neste interim reinou o mais absoluto caos e pânico que a cidade do Recife jamais assistiu.

Enquanto por ocasião da cheia as pessoas agiram com relativa calma e até indiferença a reação do boato foi de desespero. Muitos afirmaram «ter visto as águas correndo novamente pelas ruas». Esperava-se que Recife fosse parcialmente destruído. Corria-se em pânico pelas ruas e os carros engarrafados na confusão do trânsito eram abandonados. Lojas, bancos, repartições públicas, escritórios e até quartéis esvaziaram-se. Todos, acreditando ou não, retornaram às suas casas se estavam longe, tentando salvar a família. Quando tudo serenou o Recife estava chocado, traumatizado e novamente parado.

### 3. MÉTODOS E TÉCNICAS DA PESQUISA

O estudo baseia-se em um levantamento feito, através de questionário, do comportamento das pessoas, residentes no Recife, cujas casas foram alagadas pela cheia de 75. Foram entrevistados apenas os donos das casas, homem e mulher separadamente. Foram aplicados cerca de 200 questionários\* baseando-se esta comunicação, na apuração preliminar de 100 deles. Como algumas das casas visitadas pertenciam a viúvos, solteiros ou separados, estão apuradas as respostas de 93 homens e 99 mulheres, totalizando 192 pessoas\*\*.

\* Os questionários foram aplicados: pelos alunos do Ciclo Geral, área 4, da Universidade Federal de Pernambuco, aos quais o autor deve seus agradecimentos pela valiosa colaboração.

\*\* Nas tabelas, no entanto, só irão aparecer as pessoas que responderam a pergunta específica.

O questionário foi aplicado em fins de setembro começo de outubro, dois meses depois da enchente. As perguntas podem ser divididas em cinco categorias principais:

- a) questões referentes ao grau de prejuízo com a cheia;
- b) questões referentes à situação sócio-econômica das famílias e as características pessoais dos entrevistados;
- c) questões referentes ao comportamento durante a enchente;
- d) questões referentes ao comportamento quando do boato sobre Tapacurá;
- e) questões referentes ao comportamento religioso dos entrevistados nos dois momentos de crise e em situação normal.

A seleção dos bairros foi feita com base em uma relação dos locais atingidos pela enchente cujos moradores, nos termos da Portaria 120 de 31.07.75, da Secretaria de Finanças da Prefeitura do Recife, foram dispensados do pagamento de multas e tiveram o prazo para pagamento dos tributos municipais prorrogado. Nestes bairros foram visitadas apenas as casas efetivamente alagadas, escolhidas de forma aleatória.

A amostra foi dividida em dois conjuntos de igual tamanho, um correspondente às famílias de nível sócio-econômico acima da média do bairro, o outro às famílias abaixo da média. Considerou-se que uma amostra assim estratificada não traria desvantagens tendo em vista que foi a classe média a grande atingida pela enchente, uma vez que considerável parte da população proletária e da população marginal vive nos morros que cercam o Recife.

O nível sócio-econômico das famílias foi medido através de um conjunto de indicadores referentes a renda, ocupação, educação, mobilidade social, padrões habitacionais, incluindo-se, também, o julgamento subjetivo dos entrevistados e dos entrevistadores. Estes dados, medidos em uma escala de 5 pontos (1 valor mínimo e 5 valor máximo) foram reunidos em um

índice calculado através do somatório dos pontos efetivamente obtidos dividido pelo somatório do número máximo de pontos que se poderia obter em cada caso, multiplicado por 100\*. Os índices poderiam variar de 20 (mínimo) a 100 (máximo).

Procedimento semelhante adotou-se para medir o grau de prejuízo relativo com a cheia. Também em uma escala de 5 pontos foram considerados os danos pessoais, perda de bens materiais, altura das águas na casa, prejuízos sofrido pela família, prejuízos sofridos nos negócios e em cheias anteriores. Neste caso, os índices também poderiam variar de 20 a 100.

Nas questões referentes a comportamento não foi possível estabelecer-se uma escala e calcular índices. Perguntou-se das atitudes tomadas e comportamentos seguidos desde o recebimento da primeira notícia sobre a aproximação da enchente até o momento em que as pessoas convenceram-se que a notícia sobre Tapacurá era falsa. Atenção especial foi dada ao comportamento religioso definido através de: a) comportamento ritual; b) interpretação dos eventos.

O «background» religioso das pessoas foi também pesquisado considerando-se filiação religiosa do indivíduo e sua família, frequência a rituais públicos, crenças em forças e seres sobrenaturais, experiência de contacto com outras religiões, influência da crise no sistema de crenças do indivíduo.

$$IR = \frac{\sum_{i=1}^N y_i}{\sum_{i=1}^N Y_i} \cdot 100$$

#### 4. CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS ENTREVISTADOS

O índice sócio-econômico médio da amostra foi de 60,5%, variando no intervalo de 24,0 a 93,2, seguindo uma distribuição normal. Cerca de metade dos casos caíram no grupo médio, um quarto no grupo inferior e um quarto no grupo superior, como mostra a tabela 1.

Tabela 1

Nível sócio-econômico das famílias entrevistadas

ÍNDICE SÓCIO-ECONÔMICO	FREQUÊNCIA	
	Nº	%
20,0 — 46,7	24	24,0
46,8 — 73,3	51	51,0
73,4 — 100,0	25	25,0
TOTAL	100	100,0

Compõem o índice sócio-econômico, entre outros, dados sobre a renda dos chefes de família. A renda média correspondeu a Cr\$ 4.037,17 variando na amplitude de Cr\$ 150,00 a Cr\$ 30.000,00 distribuindo-se conforme mostra a tabela 2.

Tabela 2

Renda dos chefes de família

INTERVALOS DE RENDA (*) CR\$ 1,00	FREQUÊNCIA	
	Nº	%
menos 417	5	6,0
417 — 2.085	38	45,8
2.086 — 4.170	15	18,1
4.171 — 8.340	14	16,9
mais 8.340	11	13,2
TOTAL	83	100,0

(\*) salário mínimo local Cr\$ 417,00

Outro indicador utilizado foi o nível educacional dos entrevistados. Os homens tinham um nível de escolarização superior ao das mulheres, embora para os dois grupos a moda estivesse na classe dos com primário completo e ginásio incompleto, como mostra a tabela 3.

Tabela 3  
Nível educacional dos entrevistados

GRAU DE ESCOLARIZAÇÃO (*)	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
1	18	19,4	24	24,2	42	21,8
2	25	26,8	32	32,3	57	29,7
3	19	20,4	20	20,2	39	20,3
4	18	19,4	19	19,2	37	19,3
5	13	14,0	4	4,1	17	8,9
TOTAL	93	100,0	99	100,0	192	100,0

(\*) 1 — analfabetos e semi-alfabetizados; 2 — primário completo e ginásio incompleto; 3 — ginásio completo e segundo ciclo incompleto; 4 — segundo ciclo completo e superior incompleto; 5 — universidade completa.

Cerca de 43% dos entrevistados eram naturais de Recife, sendo maior a percentagem das mulheres (49%) que dos homens (38%), como mostra a tabela 4. No entanto, os homens residiam, em média, no Recife há 31 anos e 11 meses enquanto as mulheres estavam, em média, há 30 anos e 5 meses. A média de tempo de moradia na casa foi de 12 anos e 8 meses, para o bairro de 14 anos e 8 meses. Conseqüentemente, mesmo os que não foram atingidos por cheias anteriores (37%) tinham familiaridade com as enchentes periódicas que assolam o Recife. Residiam em casa própria três quartos das famílias.

Tabela 4  
Naturalidade dos entrevistados

NATURALIDADE	HOMENS		MULHERES		TOTAL	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Recife	35	37,6	48	48,5	83	43,2
Interior Pernambuco	38	40,9	37	37,4	75	39,1
Outros Est. Nordeste	17	18,3	11	11,1	28	14,6
Outros Estados Brasil	2	2,1	2	2,0	4	2,1
Exterior	1	1,1	1	1,0	2	1,0
TOTAL	93	100,0	99	100,0	192	100,0

A idade médias dos homens de 48 anos e 1 mês, a das mulheres 43 anos e meio. A idade relativamente elevada justificava-se considerando-se que foram entrevistados apenas os chefes de família. As idades variaram, tomando-se junto os dois grupos, na amplitude de 20 anos a 77 anos.

Utilizou-se na classificação das ocupações uma escala de 5 pontos, simplificando-se a sugerida por Hutchinson e Gouveia\* considerando a hierarquia de prestígio. A distribuição foi normal, como mostra a tabela 5 e o índice médio calculado foi de 60,2.

Tabela 5

Ocupação dos chefes de família

CLASSIFICAÇÃO (*)	FREQÜÊNCIA	
	Nº	%
1	11	12,1
2	20	22,0
3	30	32,9
4	17	18,7
5	13	14,3
TOTAL	91	100,0

\* B. Hutchinson em seu estudo **TRABALHO E MOBILIDADE** apresentou uma hierarquia das profissões por prestígio, que modificada ligeiramente, foi trabalhada por A. Joly Gouveia. Utilizou-se, no presente trabalho, a listagem fornecida por Gouveia, voltando-se a unir «supervisão do trabalho manual» e «ocupações não-manuais de rotina» (como havia feito Hutchinson), correspondendo, agora, nesta escala ao nível 3. Uniu-se, também, no nível 5, «altos cargos políticos e administrativos, proprietários de grandes empresas» com «profissões liberais, cargos de gerência ou direção, proprietários de empresas de tamanho médio» considerando-se a pequena representatividade proporcional de escalão mais alto. Ao nível 1 correspondem, aqui, as «ocupações manuais não especializadas e assemelhadas». Ao nível 2 correspondem as «ocupações manuais especializadas e assemelhadas». Ao nível 4 correspondem as «posições mais baixas de supervisão ou inspeção de ocupações manuais, proprietários de pequenas empresas comerciais, industriais, agro-pecuárias, etc.».

Assim, utilizou-se uma escala de 5 pontos, correspondendo 1 às profissões de menor prestígio e 5 às profissões de mais prestígio.

O índice para o grau de prejuízo relativo com a cheia médio da amostra foi de 58,8, variando de 26,7 a 93,3 e distribuindo-se conforme mostra a tabela 6. A altura média das águas nas casas foi de 134 cm, tendo a maioria dos entrevistados declarado que teve muita água dentro de casa. Embora em uns poucos casos a água atingisse apenas o jardim, houve casas com 300 cm de água em seu interior.

Tabela 6

Grau de prejuízo com a cheia

ÍNDICE DE PREJUÍZO	F R E Q U Ê N C I A	
	Nº	%
20,0 — 46,7	26	26,0
46,8 — 73,3	62	62,0
73,4 — 100,0	12	12,0
TOTAL	100	100,0

## 5. RELIGIOSIDADE DOS ENTREVISTADOS

Como era de esperar, a grande maioria dos entrevistados (80%) era católica, declarando-se evangélicos 11%, espíritas 5% e 4% sem filiação religiosa. Poucos (12%) não tinham a mesma religião dos pais. Também poucos (16%) declararam ter pertencido a outra religião, destes três quartos foram católicos. Para os dados sobre filiação religiosa não houve diferenças entre homens e mulheres.

No entanto, os homens freqüentavam menos regularmente a igreja que as mulheres, como mostra a tabela 7. Também tinham menos interesse em assistir rituais de outras religiões. Cerca de metade dos entrevistados declararam, por uma razão ou outra, terem assistido cultos públicos de outras religiões e foram as igrejas evangélicas as mais visitadas, seguindo-se das espíritas e católicas (neste último caso vale lembrar que muitos dos que se declararam não católicos já havia pertencido à religião majoritária).

Considerando-se as razões para irem às igrejas também distinguiram-se os homens das mulheres. Metade dos homens que foram a uma sessão espírita declarou ter ido por «curiosidade», igual motivo levou um quarto das mulheres. Estas foram ao espiritismo na proporção de 34% por terem «precisado», motivo que levou 17% dos homens. Ninguém declarou-se umbandista ou xangozeiro, mas um quarto dos entrevistados já estiveram em um terreiro: nenhum dos homens por precisão mas um quarto das mulheres disseram ter precisado de ajuda para resolver problemas diversos, enquanto que três quartos dos homens e dois terços das mulheres que foram à umbanda e ao xangô (macumba ou candomblé) motivaram-se pela «curiosidade». Esta curiosidade não se manifestou em relação aos cultos judaicos visitados apenas por 4 dos entrevistados.

Procuraram uma cartomante 42 dos entrevistados, em sua grande maioria (81%) mulheres.

Tabela 7

Frequência a rituais públicos

DISCRIMINAÇÃO	F R E Q U Ê N C I A					
	HOMENS		MULHERES		T O T A L	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Rituais de sua religião:						
vão sempre	39	42,4	65	65,7	104	54,4
só grandes festas	22	23,9	24	24,2	46	24,1
nunca vão	31	33,7	10	10,1	41	21,5
TOTAL	92	100,0	99	100,0	191	100,0
Rituais outras religiões (*):						
frequentam/aram	39	42,9	57	58,8	96	50,5
não frequentam/aram	52	57,1	40	41,2	94	49,5
TOTAL	91	100,0	97	100,0	190	100,0

(\*) Perguntados em uma outra oportunidade se tinham ido a uma missa, culto evangélico, sessão espírita, terreiro, sinagoga, etc. um maior número de pessoas deu resposta afirmativa.

Quanto ao sistema de crenças, a totalidade das mulheres e 98% dos homens acreditavam em Deus.

Mais da metade dos entrevistados acreditava no demônio, quase 30% em assombração (mas 40% tinham estórias de alma para contar!). Na proteção de Iemanjá e nos perigos de Exu confiava cerca de um quarto dos entrevistados. Metade acreditava em sorte e azar, pouco mais que isso em mau-olhado (muitos por terem prova). Como fetichês protetores o escapulário tinha bem mais prestígio que a figa. Em todos os casos, como mostra a tabela 8, os homens eram mais céticos que as mulheres.

Acreditava que reza pode curar três quartos da amostra, 84% das mulheres e 72% dos homens. Também maior porcentagem de mulheres (66%) que de homens (37%) tinha devoção especial por um santo. A Virgem Maria, em suas diversas formas, recebeu o maior número de escolhas destacando-se a devoção por N.S. da Conceição. Dos santos masculinos foi Santo Antônio quem apareceu com mais prestígio sobrepujando ao próprio Cristo.

Dos dados da amostra pode-se inferir que as mulheres eram mais preocupadas que os homens com assuntos religiosos, embora isto não signifique, como notou Loudon<sup>12</sup>, que elas sejam mais «religiosas» em um sentido amplo.

Indicam também a predominância de um catolicismo definido por Thales de Azevedo<sup>13</sup> como «popular», instrumental, que se exprime por uma síntese ou sistema de devoções aos santos e que é largamente sincrético. O transbordamento da influência dos cultos afro-brasileiros sobre suas fronteiras para atingir pessoas outras e de categorias sociais outras que seus filiados já foi notada por R. Ribeiro<sup>14</sup>, há mais de vinte anos, antes da grande divulgação que a música popular brasileira e os meios de comunicação de massa vêm fazendo aos orixás.

Tabela 8

Crença em seres e forças sobrenaturais

DISCRIMINAÇÃO	FREQÜÊNCIA				TOTAL	
	HOMENS		MULHERES		Nº	%
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Crê em Deus	90	97,8	99	100,0	189	99,0
não	2	2,2	—	—	2	1,0
TOTAL	92	100,0	99	100,0	191	100,0
Demônio existe	42	47,7	69	69,7	111	59,4
não	46	52,3	30	30,3	76	40,6
TOTAL	88	100,0	99	100,0	187	100,0
É devoto de santos	33	36,7	64	66,0	97	51,8
não	57	63,3	33	34,0	90	48,2
TOTAL	90	100,0	97	100,0	187	100,0
Crê em assombração	19	21,4	34	35,4	53	28,6
não	70	78,6	62	64,6	132	71,4
TOTAL	89	100,0	96	100,0	185	100,0
Iemanjá ajuda	17	18,5	29	29,6	46	24,2
não	75	81,5	69	70,4	144	75,8
TOTAL	92	100,0	98	100,0	190	100,0
Exu atrapalha	19	28,9	26	26,3	45	23,7
não	72	79,1	73	73,7	145	76,3
TOTAL	91	100,0	99	100,0	190	100,0
Escapulário protege	42	46,2	65	66,3	107	56,6
não	49	53,8	33	33,7	82	43,4
TOTAL	91	100,0	98	100,0	189	100,0
Figa protege	18	19,8	33	33,3	51	26,8
não	73	80,2	66	66,7	139	73,2
TOTAL	91	100,0	99	100,0	190	100,0
Crê em mau-olhado	42	46,2	63	63,6	105	55,3
não	49	53,8	36	36,4	85	44,7
TOTAL	91	100,0	99	100,0	190	100,0
Crê em sorte/azar	41	45,0	53	53,5	94	49,5
não	50	55,0	46	46,5	96	50,5
TOTAL	91	100,0	99	100,0	190	100,0

## 6. COMPORTAMENTO RELIGIOSO NAS CRISES

Para Geertz<sup>15</sup>, a religião modela toda a atividade do indivíduo criando disposições e motivações especiais. Assim, as pessoas religiosas, isto é, motivadas pela religião, tendem a comportar-se de acordo com os padrões religiosos ou terem comportamentos religiosos.

A diferença entre homens e mulheres referente ao comportamento religioso rotineiro vai explicar porque as mulheres mais preocupadas com religião rezaram em proporções muito maiores que os homens, nas duas situações de crise. De fato, 80% das mulheres rezaram, fizeram promessas ou pediram ajuda aos céus durante a cheia, 57% das que acreditaram que Tapacurá tinha estourado também rezaram. Dos homens metade (53%) rezou durante a cheia assim como 38% dos que acreditaram no boato sobre Tapacurá.

Diferença significativa encontrou-se entre o comportamento religioso nas duas crises. Muitos que não pediram auxílio ao sobrenatural durante o boato disseram que «não tiveram tempo para isso», «nem se lembraram». Há que levar em conta que enquanto a cheia durou dois dias inteiros, o boato perdurou por cerca de uma hora. Ao primeiro impacto de uma catástrofe, há uma tendência, como observou Haas<sup>16</sup>, das vítimas ficarem aturdidas, aturdidas mas não sem ação. A preocupação inicial parece ter sido a de salvar-se fisicamente. Infelizmente, não foi perguntado quando as pessoas rezaram durante a enchente, mas pelos dados sobre o «estouro» de Tapacurá pode-se inferir que não foi nas primeiras horas.

Não se esperava, quando se pensou no inquérito, encontrar tantas pessoas que tivessem apelado para o sobrenatural, principalmente entre os homens. O apelo ao sobrenatural em ocasião de crise confirma a assertiva de muitos cientistas sociais, como T. Parsons<sup>17</sup>, que afirmam que do ponto de vista psicológico a religião tem mais relevância nos pontos máximos de pressão e tensão na vida humana, ajudando o ajustamento à frustração e à sensação de impotência diante de eventos inesperados e incontrolláveis. Igualmente Homans<sup>18</sup> achou que a ansiedade pode

manifestar-se em comportamento ritual diminuindo a sensação de insegurança. Spiro defendeu que a religião satisfaz desejos substantivos dos homens e na ausência de tecnologias competitivas que dêem razoável margem de confiança, as técnicas religiosas são consideradas capazes de ajudar. Acrescenta Spiro que os rituais religiosos têm importante função psicológica, reduzindo a sensação de desesperança e sua subsequente ansiedade.

Rezaram, nas duas ocasiões, as pessoas mais religiosas. No entanto, é possível distinguir claramente alguns sistemas de crenças que predis põem mais à oração em ocasiões de pressão.

Como todos, ou quase todos, acreditavam em Deus, seria irrelevante analisar-se os dados por esse ângulo. A freqüência regular aos cultos públicos, em primeiro lugar, seguindo-se da devoção a santos e da crença no demônio forma o conjunto de elementos de religiosidade que mais dispuseram à oração. Em um próximo segundo lugar ficou a crença em almas do outro mundo e no poder protetor do escapulário compondo o conjunto de elementos do catolicismo «popular» descrito por T. Azevedo<sup>11</sup>.

No entanto, não se encontrou associação significativa entre a crença em Iemanjá, o temor por Exu, a crença na proteção da figa, a curiosidade por outras formas de religiosidade além da própria, a crença em mau-olhado, em sorte e azar e o ato de rezar por ocasião do perigo. Notara Ribeiro<sup>19</sup> entre os sacerdotes de cultos afro-brasileiros, no Recife, um fatalismo revelado na atitude de achar que cada um tem o tempo certo para morrer.

Estes dados confirmam a suposição de Wallace<sup>20</sup> de que a religião é mais um conglomerado que uma síntese das várias instituições de culto. Yinger<sup>21</sup> havia também afirmado que quando a sociedade torna-se mais diversificada e complexamente estratificada, sua religião dominante transforma-se em um conglomerado frouxo de sistemas de crenças e práticas. Não haveria pois a unificação do sistema de crenças e práticas pensado por Durkheim porém muito mais um sincretismo religioso onde crenças destacadas ou fragmentos de crenças e ritos são reinterpretados e absorvidos. Como notara Diegues Jr.<sup>22</sup> foi o catolicismo um elemento básico da unidade cultural brasileira

podendo classificar-se no que Herskovits<sup>23</sup> definiu como «focus cultural». Era pois de esperar-se que no aspecto focal (religioso) grandes mudanças e absorção de novos elementos se operassem, como resultado do processo de aculturação dos vários povos em contato, no Brasil.

A tabela 9 resume os atributos de religiosidade das pessoas que rezaram ou não rezaram por ocasião da cheia. Note-se que a amostra feminina de pessoas que não rezaram (18 casos) é tão pequena que torna perigosa qualquer generalização. Preferiu-se pois apresentar apenas os dados para o conjunto total dos entrevistados.

Estranhamente, não foram encontradas diferenças entre os grupos (rezaram, não rezaram) e o grau de prejuízo com a cheia. Considerando-se o índice combinado ou cada um dos indicadores individualmente nenhuma diferença significativa foi encontrada. Tomando-se somente a altura média das águas, o grupo que rezou teve 133 cm de água dentro de casa, contra 135 cm para o grupo que não rezou. Para ambos os grupos o índice combinado de prejuízo ficou em torno de 58,5.

Pode-se admitir a hipótese de que todos os entrevistados com suas casas e muitos com a de seus parentes alagadas estavam submetidos, igualmente, a um alto grau de pressão.

Analisando-se as diferenças de nível sócio-econômico, para os que rezaram a curva apresentou-se levemente enviezada à esquerda, indicando níveis mais baixos, enquanto que a curva para os que não rezaram apresentou-se levemente enviezada à direita, indicando níveis mais altos.

Considerando-se o pequeno número de mulheres que não rezaram somado ao fato de terem sido entrevistadas as mesmas famílias, as análises subseqüentes serão feitas apenas para o grupo masculino, onde houve maior equilíbrio.

Tabela 9

Comportamento religioso na cheia e em épocas normais

COMPORTAMENTO RELIGIOSO NORMAL	COMPORTAMENTO NA CHEIA		COMPORTAMENTO NA CHEIA	
	Nº	%	Nº	%
Vão regularmente à igreja	87	67,4	16	26,2
não	42	32,6	45	73,7
TOTAL	129	100,0	61	100,0
Devotos de santos	77	61,1	19	31,7
não	49	38,9	41	68,3
TOTAL	126	100,0	60	100,0
Crêem no demônio	85	66,9	25	42,4
não	42	33,1	34	57,6
TOTAL	127	100,0	59	100,0
Escapulário protege	81	62,8	25	42,4
não	48	37,2	34	57,6
TOTAL	129	100,0	59	100,0
Crêem em assombração	43	34,1	10	17,2
não	83	65,9	48	82,8
TOTAL	126	100,0	58	100,0
Reza pode curar	106	82,2	41	69,5
não	23	17,8	18	30,5
TOTAL	129	100,0	59	100,0
Iemanjá protege	33	25,8	12	19,7
não	95	74,2	49	80,3
TOTAL	128	100,0	61	100,0
Exu pode atrapalhar	30	23,4	14	22,9
não	98	76,6	47	77,1
TOTAL	128	100,0	61	100,0
Figa protege	34	26,4	16	26,7
não	95	73,6	44	73,3
TOTAL	129	100,0	60	100,0
Vão a outros cultos	63	50,0	32	52,5
não	63	50,0	29	47,5
TOTAL	126	100,0	61	100,0
Crêem em mau-olhado	70	54,3	34	56,7
não	59	45,7	26	43,3
TOTAL	129	100,0	60	100,0
Crêem sorte e azar	62	48,1	31	51,7
não	67	51,9	29	48,3
TOTAL	129	100,0	60	100,0

O índice sócio-econômico combinado dos homens que rezaram foi de 59,6 contra 62,9 para os que não rezaram, distribuindo-se conforme indica a tabela 10.

Tabela 10

Nível sócio-econômico e comportamento religioso na crise.  
Homens

ÍNDICE SÓCIO-ECONÔMICO	FREQUÊNCIA			
	REZARAM		NÃO REZARAM	
	Nº	%	Nº	%
20,0 — 46,7	12	24,5	7	16,3
46,8 — 73,3	27	55,1	21	48,8
73,3 — 100,0	10	20,4	15	34,9
TOTAL	49	100,0	43	100,0

Notou-se também que um nível educacional mais alto, profissões de maior prestígio e renda mais alta predominaram, levemente, entre o grupo que não rezou, como mostra a tabela 11.

Quanto à naturalidade não foram encontradas diferenças significativas.

As pequenas diferenças encontradas podem indicar que em situação de grande tensão desaparecem algumas diferenças de religiosidade que possam caracterizar as distintas classes sociais. Embora o sistema de crenças possa variar conforme os tratos sociais, aceitando-se a hipótese de Max Weber<sup>24</sup>, a ansiedade provocada por uma catástrofe induziria as pessoas a socorrerem-se no ritual religioso. Ao nível superficial de inquérito realizado não foi possível observar variações porventura existentes na prática ritual ou como Deshen<sup>25</sup> concluir que a situação social dos atores causa diferenças analíticas de significado e sentido na prática do ritual.

Tabela 11

Características individuais e comportamento religioso na crise.  
Homens

DISCRIMINAÇÃO	FREQUÊNCIA			
	REZARAM		NÃO REZARAM	
	Nº	%	Nº	%
Nível educacional (*)				
1	11	22,5	6	14,0
2	13	26,5	12	27,9
3	10	20,4	9	20,9
4	9	18,4	9	20,9
5	6	12,2	7	16,3
TOTAL	49	100,0	43	100,0
Ocupação (**)				
1	5	10,4	5	11,9
2	14	29,2	6	14,3
3	14	29,2	16	38,1
4	9	18,7	8	19,0
5	6	12,5	7	16,7
TOTAL	48	100,0	42	100,0
Renda (Cr\$ 1,00)				
menos 417	3	7,3	1	2,4
417 — 2.085	19	46,4	19	46,4
2.086 — 4.170	8	19,5	7	17,1
4.171 — 8.340	6	14,6	8	19,5
mais de 8.340	5	12,2	6	14,6
TOTAL	41	100,0	41	100,0

(\*) Nível educacional: 1 — analfabetos e semi-alfabetizados; 2 — primário completo ginásio incompleto; 3 — ginásio completo segundo ciclo incompleto; 4 — segundo ciclo completo superior incompleto; 5 — universidade completa.

(\*\*) Ocupações: 5 — altos cargos políticos e administrativos, profissões liberais, cargos de gerência ou direção, proprietários de empresas de tamanho grande e médio; 4 — posições mais baixas de supervisão ou inspeção de ocupações manuais, proprietários de pequenas empresas; 3 — supervisão do trabalho manual e ocupações não-manuais de rotina; 2 — ocupações manuais especializadas e assemelhadas; 1 — ocupações manuais não especializadas.

As pessoas que rezaram quando tiveram a notícia do «estouro» de Tapacurá foram as mesmas que rezaram por ocasião da cheia. Apenas duas pessoas, no total de entrevistados que não rezaram na cheia e acreditaram no boato, declararam ter orado na segunda crise, como mostra a tabela 12. Encontrou-se, portanto, uma grande coerência de atitude embora, como foi anteriormente ressaltado, um número consideravelmente menor de pessoas «teve tempo de rezar» na hora do pânico.

Tabela 12

Pessoas que rezaram durante o boato

COMPORTAMENTO DURANTE O BOATO	SOUBERAM DO BOATO (*)		ACREDITARAM NO BOATO (**)					
			TOTAL		REZARAM NA CHEIA		NÃO REZARAM NA CHEIA	
			Nº	%	Nº	%	Nº	%
Rezaram	64	38,8	51	49,5	49	59,0	2	10,0
Não rezaram	101	61,2	52	50,5	34	41,0	18	90,0
TOTAL	165	100,0	103	100,0	83	100,0	20	100,0

(\*) Consideradas apenas as pessoas que souberam do boato enquanto da sua duração.

(\*\*) Consideradas apenas as pessoas que souberam e acreditaram no boato.

O número de interpretações fatalistas e ou religiosas sobre os acontecimentos foi surpreendentemente pequeno, não chegando sequer a representar 5% do total de respostas possíveis sobre: porque acreditou ou não que vinha a cheia, se acredita que outra cheia possa vir a atingir a casa, qual a causa das enchentes no Recife, porque acreditou ou não no boato sobre Tapacurá, porque as outras pessoas acreditaram ou não na cheia. Atribuindo claramente aos eventos razões não naturais apareceram apenas 2% das respostas, valendo ressaltar que *nenhum* dos 192 entrevistados deixou de dar pelo menos uma vez uma interpretação não religiosa aos acontecimentos.

O questionário foi aplicado dois meses depois do dia da enchente. Nesse interim, os meios de comunicação de massa bombardearam a população com uma série de explicações frizando a situação geográfica peculiar do Recife, o alto índice pluviométrico na bacia do Capibaribe (e esta foi uma cheia do Capibaribe, tendo o Beberibe ficado manso e bonzinho), as deficiências de infra-estrutura que contribuíram para o agravamento do problema e, principalmente, denunciando o embuste da propaganda referente à barragem de Tapacurá. Na verdade apareceram explicações de toda espécie, mas sempre colocando razões naturais como um cidadão que insistiu em correlacionar os satélites artificiais com as enchentes recifenses, porém satélites de origem humana e terrestre.

A existência de explicações dentro das fronteiras do conhecimento contribuiu para que as pessoas não fossem buscar explicações metafísicas. Afirmou Spiro<sup>8</sup> que a religião satisfaz aos desejos cognitivos dos homens apenas *na ausência de explicações competitivas* para os fenômenos. Por outro lado, a crise não parece ter sido tão forte ao ponto das pessoas precisarem buscar, na religião, uma explicação do sofrimento, embora utilizassem o ritual como forma de aliviar tensões e obter um mínimo de segurança psicológica.

As crenças fundamentais não foram abaladas. O mundo continuava a fazer sentido. Dentre todos os entrevistados apenas seis disseram que a cheia mudou sua maneira de ver a religião: confirmando sua fé. Para nenhum a crise pôs em dúvida suas convicções religiosas. Muitos afirmaram que «religião não tem nada a ver com isso» ou «minha fé é inabalável».

Se a religião não tinha nada a ver com isso, por que rezaram? Ao nível do inquirido atual esta pergunta não pode ser respondida com segurança, mas é possível desconfiar que oraram pela mesma razão que se assobia no escuro: para espantar o medo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 DURKHEIM, E. - The elementary forms of the religious life, in Religion, society and the individual, org. J.M. Yinger. New York, Macmillan, 1957 p. 346.
- 2 WALLACE, A.F.C. - Religion: an anthropological view. New York, Randon, 1966 p.71-83.

- 3 FIRTH, R. - Religion in social reality, in Reader in comparative religion, ed. W.A.Lessa. Evanston, Ill., Row Peterson, 1958 p. 125-129.
- 4 GOODE, W. J. - Religion and magic, in Reader in comparative religion, p. 329.
- 5 RIBEIRO, R. - Religiões de participação (inédito).
- 6 HERSKOVITS, M. J. - Man and his works. New York, Knopf, 1948 p. 361-363.
- 7 WALLACE, A.F.C. - op. cit. p. 53
- 8 SPIRO, M.E. - Religion: problems of definition and explanation, in Anthropological approaches to the study of religion, ed. M. Banton. London, Tavistock, 1966 p. 109-114.
- 9 QUEIROZ, M.I.P. de - O messianismo no Brasil e no mundo. São Paulo, Dominus, 1965 p. 352-358.
- 10 Plano de desenvolvimento local integrado. Estudo preliminar. Recife. SERFHAU/Pref. Munic. do Recife/W.O. Prochnik, 1970 mimeografado.
- 11 SHIBUTANI, T. - Improvised news - a sociological study of rumor. Indianapolis, N.Y., Bobbs-Morrill, 1966 p. 32.
- 12 LOUDON, J. - Religious order and mental disorder, in The Social Anthropology of complex societies, ed. M. Banton. London, Tavistock, 1963 p.85.
- 13 AZEVEDO, T. de - Catolicismo no Brasil? VOZES, Petrópolis, 63 n° 2, 1969 p.122-123.
- 14 RIBEIRO, R. - Cultos afro-brasileiros do Recife. BOLETIM DO IJNPS, Recife, número especial, 1952 p. 142.
- 15 GEERTZ, C. - Religion as a cultural system. in Anthropological approaches to the study of religion, p. 9-10.
- 16 HAAS, J.E. - Sociological aspects of natural disasters. Paper presented at the AIA Symposium. Chicago, 1975 mimeografado.
- 17 PARSONS, T. - Motivation of religious belief and behavior. in Religion, society and the individual, p. 382-385.
- 18 HOMANS, G.C. - Anxiety and ritual. in Reader in comparative religion. p.113-118.
- 19 RIBEIRO, R. - Cultos afro-brasileiros do Recife. p. 132.
- 20 WALLACE, A.F.C. - op. cit. p. 84.
- 21 YINGER, J.M. - Religion, society and the individual. p. 157-159.
- 22 DIEGUES Jr., M. - Regiões culturais do Brasil. Rio de Janeiro, CBPE. 1960 p.482-483.
- 23 HERSKOVITS, M.J. - The processes of cultural change, in The science of man in the world crisis, ed. R. Linton. New York. Columbia Univ., 1945 p. 143-170.
- 24 WEBER, M. - The Sociology of religion. trad. E.Fischoff. Boston, Beacon, 1967 p.20, 80-97.
- 25 DESHEN, S.A. - On religious change: the situational analysis of symbolic action. COMPARATIVE STUDIES IN SOCIETY AND HISTORY, London, 12 n° 3, 1970 p.272.

## O desvelar do oculto em Benjamin Lee Whorf: problemas epistemológicos\*

*Roberto de Amorim Almeida*

Entre as mais recentes aporias em relação à problemática do conhecer, poucos foram os pensadores que levantaram tantas polêmicas e controvérsias quanto às concepções expostas pelo especialista em linguagem e antropólogo cultural, Benjamin Lee Whorf.

Estas podem ser condensadas em uma única afirmação: é fundamentalmente errônea uma certa crença ocidental que tem as *possibilidades cognoscitivas* de todos os seres humanos como uma estrutura lógica a priori, isto é, que estas não somente se situam «antes» da comunicação feita através da linguagem, mas que também são independentes da mesma. Em suma: a afirmação de Whorf é que as possibilidades cognoscitivas encontram correspondência naquilo a que poderíamos denominar de padrões lingüísticos, que por sua vez delimitando as maneiras dos seres humanos perceberem este ou aquele mundo, determinam conseqüentemente o modo como estes se relacionam a respeito dos mesmos<sup>1</sup>. E, como variam largamente os modos de perceberem desses diferentes seres, variam também largamente os modos destes de pensarem, de se expressarem, enfim, de se relacionarem com a realidade.

Partindo desta afirmação, somos levados, portanto, pelo menos segundo Whorf, a admitir um «novo princípio» que o mesmo denomina de *o princípio do desvelar do oculto*, segundo o qual todos os observadores não podem possuir a mesma «imagem» do universo, a não ser que a sua formação lingüística encontre correspondência em outra, isto é, que a sua maneira de se

(\*) Conferência realizada em 1976 no Mestrado de Psicologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).